

4•

O GLOBO

Terça-feira, 23 de novembro de 1993

Manoel de Barros lança 'O livro das ignoranças' e explica que escreve com irresponsabilidade natureza num amor de ignorante

JOÃO BORGES

BRASÍLIA — Os primeiros exemplares de "O livro das ignoranças", o décimo-primeiro de Manoel de Barros, já estão circulando entre amigos do autor e do empresário e bibliófilo José Mindlin, responsável pela edição. São 300 exemplares, numerados e assinados pelo autor, impressos em papel couchê fosco e refinado projeto gráfico de José e Diana Mindlin.

O livro de Manoel de Barros estará disponível nas livrarias a partir da próxima semana, quando a civilização Brasileira começará a distribuir a edição comercial, com tiragem de três mil exemplares. Enio Silveira ainda tenta convencer Manoel de Barros a participar de uma festa de lançamento. As esperanças são poucas. A única vez em que concordou em enfrentar os leitores num lançamento, quando saiu "Poesia quase total", Manoel, na hora "h", saltou do evento como, segundo suas próprias palavras, "a poesia voa fora da asa".

O novo livro de Manoel de Barros, que Enio qualifica de "extraordinário", está sendo aguardado com expectativa. Os três mil exemplares deverão se esgotar até o fim do ano. A seguir, Manoel responde às perguntas do GLOBO por escrito.

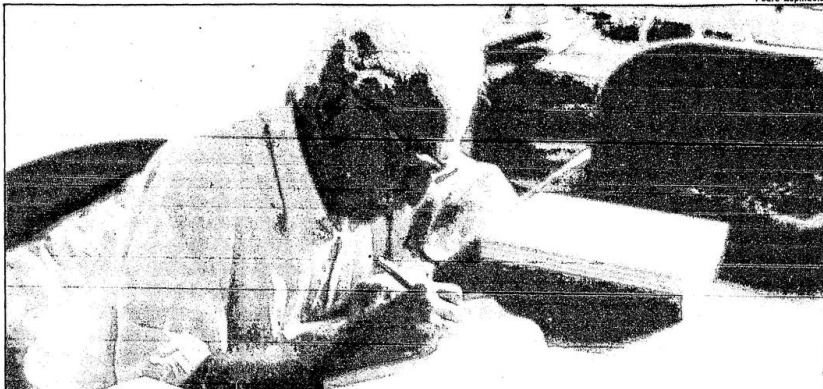
■ **INSÂNIA É A POESIA** — "Se a insânia exceder, a poesia será saudável. A saúde mental da arte vem da insânia. O comportamento, o que anda por cima dos trilhos, o que não excede, abrunha. As palavras não devem ficar por conta de pessoas normais. Assim como o sol desamarela na beira dos rios, a palavra poética fenece ao sol normal. Vi em Matisse, uma vez, um cheiro lasso de fêmea entregue. Aquele cheiro lasso entrou para a *estórea* do erotismo. O que se tem que obter há de sempre ser uma iluminação e não uma comunicação. A palavra que apenas comunica é uma palavra rasa, suja de fatos e incumbências. É a palavra normal que aplastra o homem. A palavra que não aplastra vem da insânia. É traz com ela auspícios de quem decifra o insondável. A gente pra chegar em primeiro lugar na fonte da

poesia tem que fazer volta. Em matéria de canto, ninguém chega em primeiro lugar sem fazer voltas. Andando na reta e por cima de trilho você não enxerga além. A saúde mental das artes vem da insânia."

■ **O QUE ESFREGAR NO ROSTO DAS PALAVRAS** — "Se a palavra não transmite aspecto, não dá para esfregar nada em seu ser abstrato. A palavra abstrata não deixa nem a gente pegar nela. Pois que não se afigura e não representa nenhuma coisa. Gosto só das palavras que representam. As chamadas concretas. Que possuem feição e muitas vezes até roupas. Palavra que não fica em pé sozinha, não tem extensão, nem largura, nem boca. Não tendo semelhança, não representa nada, só tem a parte de dentro que não se vê."

■ **OS GIRASSÓIS DE VAN GOGH NA TARDE** — "Quando algum girassol assume a tarde, a tarde se enfeita dele. E vice-versa. A aragem cor de sol que vem dos girassóis, bem que amarela as noites. O escuro se ilumina de amarelo. Se o entardecer fenece no olho de um sapo, diante de um girassol ele se põe a brilhar. Todos os bichos, todas as coisas de natureza se põem a brilhar. Essa é uma atitude de camaleão que os girassóis assumem, se assumem a tarde."

■ **O CÃO E O OSSO DA IGNORÂNCIA** — "Não tenho pretensão de chegar à Ignorância perfeita. Por isso não sei ainda se o cão fareja no osso dela. O ignorante, como a candeia, a si queima e a outros alumina. É ditado português esse. A mim ele me alumina. Meu "Livro das ignoranças" é jogo de a brinca. Penso que a fonte da poesia está no indescoberto. E que chegar-se ao indescoberto é condição da ignorância. Sei que as crianças, os fontos e os poetas têm esse condição de tocar o desconhecido pelo ainda mais desconhecido (ignomtur per ignotus). E sei que o prêmio da irresponsabilidade e das jubilações, quem nos dá é a ignorância. Será sempre alguém que escreve com amor e irresponsabilidade. Assim, ninguém me chamará de conspícuo nem de solene e nem de beletista."



O poeta Manoel de Barros assina um dos 300 exemplares de seu "O livro das ignoranças", edição especial financiada pelo bibliófilo José Mindlin

Alterações íntimas entre mundo e corpo

JOSÉ MINDLIN

A edição limitada do "Livro das ignoranças", que ficará sendo a primeira edição, tem uma história curiosa, não só na sua origem, como na sua realização. Antes de mais nada, no entanto, tenho de confessar que só fiquei conhecendo a obra de Manoel de Barros através da entrevista que a "Érica e Brac" publicou em 1990. Reconheço que a falta cultural era grave, mas, em compensação, o entusiasmo que a leitura provocou foi grande. E, afinal, a gente vive aprendendo, o que faz parte dos encantos da vida. Só não sei se o título desse último livro é um belo achiado poético, ou uma alusão à minha "ignorância". Tive de entrar a carapuça, mesmo que o Manoel não tivesse pensado nisso, pois costumo exercer autocritica.

A história é a seguinte: da Stella nos visitaram, e foi aí que eu disse que gostaria de fazer uma edição especial do próximo livro dele. Uma edição caprichada, como tinha feito com "A visita", do Drummond, mas sem pretensão de arte,

e muito menos de edição de um livro de luxo. Manoel parece que gostou da ideia, e prometeu mandar-me o texto, mas mais ou menos na base do "se e quando". Em todo o caso, firmou-se um projeto. O texto ainda levou uns meses para chegar, e, quando chegou, minha filha Diana — programadora visual — se mobilizou, pois o texto era a certeza que agora se pode ver impressa. Houve uma porção de ideias, e quando chegamos a algumas soluções possíveis, perguntei ao Manoel se ele queria acompanhar a edição, ou se preferia a surpresa de ver o livro pronto, mesmo com o risco de não gostar. Minha preocupação era que ele ficasse contente, e para isso seria melhor que o próprio Manoel acompanhasse o processo, mas ele preferiu a segunda alternativa, o que aumentou muito nossa responsabilidade — minha de editor, e de Diana como artista gráfica (no caso do Drummond, ele acompanhou pessoalmente todos os passos, o que, aliás, resultou na grande amizade que nos uniu. No caso do Manoel, essa amizade surgiu desde logo).

Quando tínhamos examinado vá-

rias possibilidades, de diagramação, formato, papel, tipos (ilustração nós dois achávamos que o texto, por seu impacto, não só tornava dispensável, como até perturbadora), viajei para o exterior, e o projeto ficou por conta de Diana, que descobriu e percorreu novos caminhos. Quando voltei, o livro já estava na gráfica, e minha curiosidade ficou sendo igual à do Manoel. Finalmente ficou pronto, a batizada foi para Campo Grande, para que o Manoel numerasse e assinasse os exemplares, e, num quadro de pouca objetividade, o livro parece que agradeu. Houve aplauso, entusiasmo, alegria. Eis então quando, Manoel quase teve um ataque logo na primeira linha da primeira poesia da primeira parte, tinha havido troca de uma palavra, alterando o sentido. Onde Manoel escreveu "Para apalpar as intimidades do mundo" saiu publicado "Para apalpar as intimidades do corpo". Um telefonema afilto me informou do acontecido. Achei impossível, mas indo conferir no original, vi que de fato "mundo" tinha virado "corpo". Procurando examinar friamente a situação (sempre digo que cabeça fria quando não há pro-

blema não é vantagem), vi que o texto tinha de ser corrigido, mas como o livro estava pronto, não dava para substituir a página. E não adiantava procurar saber como se deu o acidente. Minha interpretação, ao retornar o telefonema de Manoel, foi de um lapso freudiano. "Apalpar intimidades" facilmente sugere "corpo", disse eu ao Manoel, e o digitador(a) facilmente caiu na armadilha, que a poesia de Manoel de Barros, malandram como é, facilitou. Nessa altura, o bom humor voltou, e sugeri ao Manoel que corrigisse o erro a mão, e aproveitasse para fazer qualquer emenda, pois isso somente viria enriquecer a edição, sob o prisma da bibliografia. Ele concordou, e emendou a quarta linha da sétima poesia (sempre da primeira parte), substituindo "voz" por "cor", dessa vez alterando o original.

E assim foi feita esta primeira edição do "Livro das ignoranças", em que a poesia de Manoel de Barros atinge o nível do esplendor.

José Mindlin é empresário, bibliófilo e editor de "O livro das ignoranças"



O Nouvelle Cuisine reaparece em São Paulo tocando hoje com Ed Motta

Festival em SP reúne dinastias da MPB

JOSE DOMINGOS RAFFAELLI

De hoje a sexta-feira, em Campinas, acontece o Hefineken Concert, um festival reunindo artistas da MPB. A programação variada, que inclui uma atração internacional, reflete o cuidado da produção em equilibrar qualidade com popularidade, tendo o bom senso de não recorrer a nomes de apelo popular. Logo mais, abre o evento o quarteto do guitarrista suíço Marc Lischkind. Desconhecido no Brasil, vem recomendado por suas elogiadas performances na Europa, onde tem se apresentado no circuito dos festivais de jazz. A noite também oferece o curioso encontro do grupo paulista Nouvelle Cuisine, que reaparece após longa ausência dos palcos, e o cantor Ed Motta; tudo pode acontecer nessa mistura insolita da música dos anos 30, 40 e 50 do NC com o soul-funk atualíssimo e vibrante de Ed Motta. Amanhã será a vez de dois destacados multinstrumentistas: Carlos Malta e Roberto Gismonti. Malta, que tocou muito

tempo no grupo de Hermeto Pascoal, conhecido como "o homem dos sete instrumentos", toca toda a família do saxofone (soprano, alto, tenor e barítono) e três tipos de flauta, explorando um linguagem brasileira sem influências externas. Gismonti é por demais conhecido; pianista, violonista, flautista, compositor e arranjador, com uma vasta bagagem de realizações em diversas áreas, da popular à erudita. A banda do violonista, compositor e cantor Ed Motta, tendo a cantora Zizi Possi como convidada especial, é a atração de quinta-feira. Lobo acaba de lançar um disco recebido com entusiasmo pela crítica especializada. A noite também oferece o curioso encontro do grupo paulista Nouvelle Cuisine, que reaparece após longa ausência dos palcos, e o cantor Ed Motta; tudo pode acontecer nessa mistura insolita da música dos anos 30, 40 e 50 do NC com o soul-funk atualíssimo e vibrante de Ed Motta.

Amanhã será a vez de dois destacados multinstrumentistas: Carlos Malta e Roberto Gismonti. Malta, que tocou muito

Living Colour passará férias na Bahia

CRISTIANE BARBIERI

SÃO PAULO — Parece que a paixão entre Brasil e Living Colour é recíproca. Os integrantes do grupo que conquistou o público e sacudiu estádios nos shows da edição de 1992 do Hollywood Rock chegaram ao Brasil mostrando que guardaram aqui boas lembranças. Além de esperar outro grande show na noite de hoje, no Palace, eles têm planos de voltar para passar férias no Brasil, tão logo termine a turnê.

— Nós encerraremos a turnê na próxima semana, na Argentina. Eu não vou para casa, pego o avião de volta para o Brasil. Quero passar duas semanas na Bahia e conhecer os ritmos e o estilo de vida que dizem, deixam as pessoas alucinadas. Também quero aprender como é a percussão baiana — disse o baterista Willian Calhoun.

Provando que gostou mesmo da cultura brasileira, a primeira coisa que Calhoun fez ao acordar ontem foi tentar comprar uma gigantesca estátua afro nu-

ma loja em frente ao hotel Mak-soud Plaza, onde está hospedado. Ele revelou que tinha visto a estátua no ano passado, mas não conseguiu levá-la. A loja pediu US\$ 3 mil (cerca de Cr\$ 600 mil), e a compra foi adiada mais uma vez, pois ele achou a peça "muito cara".

Antes de voltar ao Brasil de férias, Calhoun, o guitarrista Vernon Reid, o vocalista Corey Glover e o baixista Doug Wimblish prometem fazer hoje um show muito mais próximo do público. Eles fazem mistério a respeito das músicas que tocarão,

mas o repertório do espetáculo deve ficar em torno de "Stain", álbum mais pesado que os anteriores e que não vendeu o esperado, chegando a gerar polêmica em alguns países devido à música "Bi", que fala de bissexualidade.

O próximo disco da banda, no qual eles já estão trabalhando, deve sair no início de 1994. Se o grupo Glover, ainda não é possível definir qual o estilo do álbum, pois eles têm cerca de 30 composições prontas, das quais devem escolher apenas 10 ou 12 para serem gravadas.

Antigamente existiam mais acontecimentos de formas na tela. Procuro realmente chegar a um estado de pintura pura, essencial, direta, e uso o mínimo de recursos que um bom técnico possa ter. A pintura requintada definitivamente não me interessa e é destruída da tela — afirma.

Esse caminho fez com que o pintor se aproximasse e se interessasse pela arte dos loucos e das crianças, obras puramente emocionais. Recentemente, durante uma exposição em Londres, teve inclusive uma obra sua selecionada pela revista americana "Reader's Digest", justamente para figurar em uma reportagem sobre este tipo de arte.

A Eu aprendo muito com o trabalho das crianças. Mas é evidente que a obra de qualquer artista acaba envolvendo o lado racional e o emocional — diz João. A exposição da Galeria Anna Maria Niemeyer se estende até o dia 6 de dezembro. Mas o artista continua em cartaz até dia 17 de dezembro, na Galeria de Arte de São Paulo, com outros trabalhos criados para esta mesma safra.

João Magalhães expõe pintura crua

MÁRYA MILLEN

Nas amplas telas do mineiro João Magalhães não camuflam finanças estéticas. Nada de suaves transparências, de pinceladas refinadas ou de toques sutis que possam "embelezar" a obra. A própria tinta que escorre das grossas trincheiras permanece lá, sem correções, marcando a trajetória dos movimentos no ato da criação. São essas pinturas cruas, destacadas pelos fortes tons vermelhos, pretos e amarelos, misturados ao cinza e branco, que o artista apresenta ao público a partir de hoje, em telas inéditas, na galeria Anna Maria Niemeyer.

Aos 47 anos, integrante da Geração 80 e hoje diretor da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, berço do movimento que deu novo fôlego à pintura contemporânea brasileira, João tem uma visão peculiar de suas obras.

A mim sempre interessou um certo mau-gosto. Antes eu pintava enormes formas penetradas e enormes formas penetradas, um trabalho que tinha a ver com o grotesco até. Mas essas relações estéticas entre o



Magalhães acredita na pintura essencial que dispensa toques de requinte

feito e o bonito são bastante intuitivos, principalmente em arte contemporânea. Esta arte passa principalmente pela questão cultural. Quem tem uma bagagem maior sabe ver as obras com outros olhos — define o artista, que prega a existência do "bom trabalho feio". Apesar do discurso, os grandes quadros de João Magalhães são aqueles — o que é natural para um artista que buscou inspira-

ção em quase todos os movimentos da história da arte, do expressionismo à pop art. — Se meu trabalho fosse figurativo, eu iria beber nas boas fontes que me interessassem — revela ele. Em suas telas, todas criadas durante este ano, formas orgânicas se integram em poucos e intensos tons. Sobre isso, o artista explica que houve uma síntese de formas e cores ao longo de

